



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Educação Intercultural e Resistência: os Guarani Mbyá, Valorização da Cosmovisão e a Preservação Ambiental

Rosana Cognolato

Universidade de São Paulo email kerexui@usp.br

Simone Takuá

Lindi-Unifesp email simonebeatriz12@yahoo.com.br

GT 06- CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS , EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

RESUMO

Este artigo aborda como o Nhanderoکو dos Guarani Mbyá (modo ver o mundo e ensinar aos mais jovens), pode trazer várias contribuições para as discussões atuais entre todos os povos, de modo especial se for compartilhado e compreendido entre os djuruá(não indígenas).O conhecimento do modo de ver o mundo e ensinar Guarani nos remete imediatamente a uma educação mais sensível à diversidade cultural e à sustentabilidade. Ao destacar as práticas agrícolas, sua relação com os cantos sagrados, com os elementos da natureza e a organização territorial Guarani, o artigo propõe pistas para uma educação que se reconecte à terra, à memória e ao respeito a todas as formas da natureza. Propondo uma educação que enfatize um modo de vida mais equacionado com o bem-estar coletivo .A discussão também se apoia em textos oficiais como a Lei 11.645/08, e em documentos curriculares que apontam para uma formação mais plural.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Guarani: Território, Espiritualidade e Sustentabilidade

DESTAQUES

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

A educação Guarani integra preservação do território e espiritualidade.

A natureza e os guardiões espirituais são essenciais para a existência Guarani.

A cosmovisão Guarani pode contribuir ao enfrentamento de crises ambientais

INTRODUÇÃO

A exclusão dos povos indígenas junto com seu apagamento na história tem sido uma constante, não só na educação brasileira, mas em todo o mundo. No Brasil, apesar da legislação e outros documentos (leis federais, portarias e currículos escolares estaduais e municipais, além da BNCC), ainda se sabe pouco sobre o modo de vida de nossos povos originários. No nosso caso os Guarani, que apesar dos mais de 500 anos de opressão e resistência, em uma convivência forçada com os djuruá (não indígenas), pouco se sabe sobre seu modo de ensinar os mais jovens, de cultivar e rezar. No dia a dia das nossas escolas ainda não encontramos um caminho efetivo onde o sistema de ensino possa dialogar com esses saberes práticos e espirituais enraizados em uma paisagem que vai além do território que se pode ver e que é parte do saber ancestral dos povos originários americanos.

Desde o final da década de 1980, com a promulgação da Constituição de 1988 e a incorporação de tratados internacionais ao ordenamento jurídico brasileiro, os povos indígenas intensificaram a reivindicação por uma identidade própria, não moldada pelas estruturas coloniais. Essa mobilização contribuiu para o enfraquecimento de uma lógica integracionista e homogeneizante, que por séculos impôs uma representação genérica do “índio”. Em seu lugar, emergiu uma visão mais pluralista da realidade brasileira, que reconhece a diversidade cultural como um traço constitutivo do país. Nesse contexto, a presença indígena não se define pela quantidade, mas pela profundidade de suas contribuições para a construção da interculturalidade. O diálogo entre cosmovisões indígenas e ocidentais revela-se um terreno fértil para trocas simbólicas e éticas, especialmente ao evidenciar as tensões e aproximações

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

entre saberes míticos e racionais que coexistem na experiência histórica e espiritual dos povos originários (Campos, Godoy & Hora, 2022).

Com base em vivências nos territórios indígenas Guarani Mbyá do sul da cidade de São Paulo por mais de 40 anos de amizade com este povo, e com a parceria de uma professora Guarani, este artigo parte da ideia de que o conhecimento indígena pode propor outras formas de aprender e ensinar. O objetivo é compreender como os elementos da paisagem junto com os mitos, os cantos e o cultivo da terra se articulam como saberes educativos, propondo caminhos para uma educação intercultural de fato, uma educação que centralize a sustentabilidade como modo de viver. No decorrer destes 40 anos, as aldeias se multiplicaram na região sul da cidade, a despeito de todas as dificuldades que estes povos passaram em sua luta por terras.

Os Guarani são hoje também guardiões dos remanescentes de mata atlântica preservados em São Paulo, pois seus territórios estão acentados sobre áreas de preservação cobertas de florestas. Até o ano de 2012 existiam somente duas aldeias, Tenondé Porã (antiga Morro da Saudade, ou aldeia da Barragem) e Krukutu, com cerca de 50 hectares no total. Área insuficiente para a manutenção de modo de vida Guarani. Neste momento, meados do ano de 2025, são 16 aldeias, em um território que recebe o nome de Terra Indígena Tenondé Porã, em homenagem a aldeia mais antiga, com cerca de 16 mil hectares, de áreas florestais preservadas ao interno da Apa Capivari Monos, no sul da cidade de São Paulo, além deste território há também aldeamentos na zona no noroeste da cidade Terra Indígena do Jaraguá, dentro do Parque Estadual do Jaraguá.

Na terra, na água, no ar e em todo elemento necessário para sobrevivência do ser humano, há guardiões, que são donos dos territórios ocupados pelos Guarani. Eles estão intrinsecamente ligados às matas, para que eles não se distanciem é preciso haver a floresta. Para que o modo de vida Guarani (Nhaderoko) exista é necessário a existência dos guardiões e das florestas, e as crianças são ensinadas nessa perspectiva, da importância do sagrado para a existência enquanto povo. Elas aprendem acompanhando os adultos, mas também há a escola formalizada nos padrões ocidentais, que dependendo da inclinação de quem está no poder

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

municipal e estadual, responde em maior ou menor grau ao que são os desejos do povo Guarani, e ao que eles acreditam que seja importante ensinar nesta escola indígena.

De acordo com Silva e Azevedo (1997), a Constituição de 1988 garantiu aos povos indígenas o direito a uma educação escolar que respeite suas particularidades culturais e saberes tradicionais. Para que essa proposta se efetive, é necessário que os currículos sejam construídos de forma específica, respeitando os ritmos e as atividades próprias de cada povo, assim como suas línguas e modos de ensinar. Isso implica também a produção de materiais didáticos adequados e a formação de professores indígenas, assegurando que a escola seja, de fato, uma extensão do território cultural e espiritual dessas comunidades.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma metodologia qualitativa e intercultural, fundamentada na convivência, escuta e participação em contextos Guarani Mbyá, como início há 40 anos no sudeste brasileiro, no território que hoje se denomina Tenondê Porã, (ao início desta vivência eram apenas duas aldeias que se chamavam Morro Da Saudade, e Krucutu) Um dos autores deste artigo é integrante do povo Guarani Mbyá, o que confere à investigação um olhar interno às práticas culturais e educativas que são aqui colocadas.

A presença de uma autora indígena, não apenas enriquece a leitura dos dados e garante que os conhecimentos sejam tratados com respeito e legitimidade, evitando interpretações externas que desconsiderem os significados de cada prática. O diálogo de saberes acadêmicos e saberes tradicionais foi conduzido com base no princípio do *nhembo'e*, ou seja do aprender junto, que caracteriza o modo Guarani de compartilhar conhecimento, pois para o povo Guarani partilhar com a comunidade, ensinando a prática cotidiana cuidadosamente aos mais jovens, faz parte do dia a dia desde a ancestralidade.

Conforme observam Martins e Knaap (2020), a interculturalidade propõe um caminho de aproximação entre diferentes sistemas de conhecimento, buscando superar os conflitos e

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

abismos criados pelas fronteiras culturais. Essa perspectiva valoriza a articulação entre saberes científicos, empíricos, filosóficos e tradicionais. No caso dos povos indígenas, seus modos de conhecer se destacam por manterem uma coerência integrada entre vivência, espiritualidade e experimentação, o que os aproxima de uma forma unificada de saber — algo que a sociedade ocidental, ao longo do tempo, fragmentou em especializações.

Foram considerados relatos orais, observações do cotidiano, experiências em práticas agrícolas e vivências cerimoniais na Opy (Casa de Reza), e as práticas profissionais das autoras, ambas professoras do ensino básico (uma em escolas públicas da cidade de São Paulo e outra em escolas públicas indígenas e não indígenas), bem como, análise de documentos como a Lei 11.645/08, e currículos oficiais que tratam de educação escolar indígena. O objetivo não foi levantar dados de uma cultura, mas caminhar com ela, reconhecendo a crescente preservação das matas nas áreas das Tekoa (espaço de reprodução da vida), a importância do território, a espiritualidade e a oralidade como princípios teóricos legítimos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para os Guarani a terra é viva, o termo Tekoa representa não apenas o local físico, mas o conjunto de relações que envolvem pessoas, animais rios, mares, matas e trilhas. O conceito de tekoá representa fundamentalmente o território onde se manifesta a cosmologia Guarani em sua plenitude. O termo tekó, que designa a forma de existência específica deste povo, engloba dimensões culturais, normativas, comportamentais e tradicionais que estruturam sua organização social. O tekoá constitui, para além de sua dimensão física e territorial, uma articulação complexa entre esferas culturais, econômicas, sociais, espirituais e políticas que se entrelaçam de forma indissociável. O processo de estabelecimento de um tekoá - seja através de sua criação, restauração ou reconstrução por meio das estruturas familiares - representa a materialização do projeto coletivo Mbyá de regeneração cosmológica. Esta práxis reproduz, em cada território constituído, os princípios fundacionais presentes em yvy apy, configurando

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

assim uma estratégia de perpetuação e revitalização do universo cultural Mbyá através da multiplicação territorial de seus elementos constitutivos originários (ladeira, 2007).

O tekoá é traduzido como o lugar onde é possível realizar o modo de ser Guarani. Tekó, “o modo de ser”, abrange a cultura, as normas, o comportamento, os costumes. O tekoá, com toda a sua materialidade terrena, é, sobretudo uma interrelação de espaços culturais, econômicos, sociais, religiosos e políticos. Na verdade, “fundar” um tekoá, ou recuperá-lo ou reconstruí-lo mediante as unidades familiares, é realizar o projeto coletivo de reconstrução do mundo Mbyá por meio da reprodução, nos diversos tekoá, dos elementos originais existentes em yvy apy (Ladeira, 2007, p.93-94).

Os animais também são sagrados, as abelhas Jataí são sagradas e aparecem na Tekoa, quando começa o plantio em um território. A presença desta abelha é um sinal que o território antes degradado está se regenerando, é um sinal para os Guarani de que estão trilhando um bom caminho na reconstrução da Tekoa. Estas são abelhas nativas muito importantes para este povo, pois também é da cera desta abelha que se fazem as velas para a casa de reza, para o Nhemongaraí(batismo) A preservação das áreas naturais não é algo recente para estas pessoas; o povo Guarani sempre respeitou os territórios e sempre respeitou os ciclos naturais da terra, e os seres que nela vivem.

Todos os elementos da natureza são importantes para o equilíbrio, as aves trazem a conexão com dois tempos de plantar Arapiiau que é tempo de plantio e Aanimã é o tempo de deixar a terra descansar. As aves anunciam os tempos com seus cantos, a Saracura dificilmente canta, quando ela canta anuncia o novo tempo e, outros passáros a seguem : o tukano, sabiás, bem te vis, mas a saracura é a principal, é ela que começa a cantar antes de todos. Através do som os Guarani ouvem o que a natureza diz. Muitas são as observações para compreender os sinais da natureza, o canto da aves, o som dos outros animais, a direção do vento, cada nascer e cada pôr do Sol, cada chuva, cada dia, cada ciclo lunar, diz o que fazer. Se é hora de plantar, colher ou meditar e se recolher, porque meditar é respeitar o corpo, assim como a Terra, o corpo

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

é um ser, que precisa de momentos de introspecção. A Terra é um grande ser vivo, que nos sustenta, nos dá alimento, nos dá ar, nos dá morada.

A organização temporal Guarani estrutura-se em dois ciclos sazonais complementares que orientam as práticas sociais, espirituais e produtivas da comunidade. O Ara Pyau (tempo novo) inicia-se em agosto e estende-se por sete meses até fevereiro, caracterizando-se pela intensificação das atividades cerimoniais na opy, quando os anciãos conduzem rituais com erva-mate para a revelação dos nomes das crianças. Durante este período, homens e mulheres preparam as áreas de cultivo para o plantio na lua minguante, enquanto as práticas espirituais se intensificam através de danças, cantos, uso do cachimbo e defumações dirigidas às divindades Nhanderu Tupã, Nhanderu Karai, Nhanderu Jakaira, Nhanderu Nhamandu, Nhanderuete e Nhandexyete. Este ciclo também coincide com a época reprodutiva de diversas espécies animais, ocasionando a suspensão das atividades de caça. O Ara Yma (tempo velho), por sua vez, compreende o período de março a agosto, quando as temperaturas declinam e se inicia a temporada de caça devido ao engorde dos animais. Nesta fase, a frequência às opy diminui, as comunidades adotam práticas de recolhimento e, em regiões sem geadas, mantêm-se cultivos reduzidos. O período de caça estende-se até julho, quando novamente se interrompe devido ao início dos ciclos reprodutivos da fauna (GUARANI, 2021).

Hoje os territórios são menores e é necessário rezar, cantar, pedir para que o solo permaneça forte. A terra escuta, ela é viva, é tão viva que se cantarmos e soubermos pedir ela nos atenderá através do êxito do plantio. Deve haver uma conexão espiritual com a terra e seus guardiões para que o pedido tenha êxito. Temos exemplos de áreas de solo arenoso cultivada pelos Guarani que dão frutos, desde laranjas até algodão e sem ajuda de qualquer tipo de adubo, mas com cânticos e pedidos conectados com a terra. segundo as palavras de Karai Tatadendy: eu medito e canto por três meses para poder germinar bem. Se tiver fé, pode plantar mesmo num local que tenha bastante pedra que vai crescer bem (in Guarani, 2021)

Dentro deste contexto cada espaço dentro do território guarda memória e ensina. O saber está integrado ao cotidiano, onde as crianças aprendem ao acompanhar os adultos em atividades

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

como o plantio e as cerimônias na Opy (Casa de Reza). Os Guarani acreditam nos guardiões da terra, do céu, e da floresta. Creem que nos quatro pontos cardeais, norte sul, leste e oeste, que eles chamam de Pindó) estão os guardiões do céu. E há também os da terra que são os donos da mata. chamados Ydjacuera, eles são os protetores das matas e rios. A vida e o bem-estar do povo Guarani dependem da mata e dos Ydjacuera.

Os ancestrais também exercem um papel importante na espiritualidade e na agricultura Guarani, que como já vimos andam juntos, os ancestrais são chamados Tupãcuera e são invocados para abençoar o território antes do plantio, o que se faz, cantando, fumando o Pytangua(cachimbo depositário da tabaco) .A preservação ambiental neste contexto é uma consequência do respeito Guarani pela terra que é sagrada. O fortalecimento das práticas agrícolas em aldeias na zona sul da cidade de São Paulo e não, só, constitui um eixo educativo ,que vai desde o cuidado com o solo até a recuperação de sementes crioulas,antes praticamente desaparecidas como os milhos multicores, as diversas batatas também coloridas, entre outros.

O reconhecimento das contribuições dos povos ameríndios ao conhecimento etnobotânico mundial permanece aquém do que seria adequado, considerando que as principais espécies vegetais que sustentam a alimentação e a indústria contemporâneas foram identificadas, desenvolvidas e cultivadas originalmente por estes povos. Entre as espécies alimentares de maior relevância global, destacam-se cultivos como a batata peruana (*Solanum tuberosum*), equivocadamente associada à Inglaterra em sua denominação popular, a mandioca (*Manihot esculenta*), o milho (*Zea mays*), a batata-doce (*Ipomoea batatas*) e o tomate (*Lycopersicon esculentum*). Adicionalmente, diversas leguminosas e oleaginosas foram domesticadas pelos povos originários, incluindo o amendoim (*Arachis hypogaea*), bem como espécies frutíferas de importância econômica mundial como o cacau (*Theobroma cacao*), o abacaxi (*Ananas sativus*), o caju (*Anacardium occidentale*) e o mamão (*Carica papaya*), além de frutos secos como a castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*) (Ribeiro, 1995).

A escola ocidental, e mesmo as que estão dentro das aldeias, tem que seguir regras e buscar metas que distanciam as crianças do aprender fazendo, as divisões em grades horárias

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

na lógica do “djuruà”, não contempla as necessidades didático pedagógica que respeitem a cultura Guarani, a plataformização do ensino, é um dos últimos desafios que tem impacto direto na educação indígena, além da pouca importância dada pelos sistemas escolares, seja estaduais ou municipais, ao calendário de celebrações Guarani por exemplo. Muitas vezes se percebe que se está perdendo o objetivo destas escolas, quem deve decidir o que e como ensinar deveriam ser as comunidades indígenas, os programas de educação escolar deveriam estar sobre o controle dos indígenas, evitando ou minimizando alguns conflitos

Entretanto, a introdução da instituição escolar no seio das sociedades indígenas, mesmo almejada por eles e inserida num processo mais amplo de organização e luta, não ocorre sem conflitos. Nas falas das lideranças, nos cuidados que tomam ao implementar a escola, nas críticas que explicitam diante da instituição escolar, percebe-se uma ambiguidade na visão que os indígenas têm sobre a escola, deixando antever ao mesmo tempo um "querer" e um "não querer" essa presença nas suas aldeias. Veem-na como uma necessidade para o diálogo intercultural, na medida em que é preciso conhecer a sociedade nacional para com ela se relacionar. Mas, também, veem-na como um risco ao modo de vida tradicional, uma invasão dentro de sua própria terra, já que, como foi dito, a escola é uma instituição alheia ao modo de vida dos povos indígenas e historicamente tem causado danos aos processos próprios de educação e ao uso de seus idiomas.(Bergamaschi e Medeiros 2010.pg 61)

Hoje, a educação ainda não encontrou um caminho que realmente respeite e valorize a forma de educar indígena, com seus valores. Apesar de toda legislação favorável, a prática dentro das escolas indígenas e não indígenas ainda está longe de compreender e valorizar a relação dos povos originários com o território, e com o sagrado, como arma poderosa na preservação do ambiente, e a questão não é desprezar o conhecimento acumulado pela humanidade, mas achar um meio termo em que a escola indígena ou não, respeite o modo de vida, de existir no território, que os povos originários propõe, em nosso caso o povo Guarani Mbyá.

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Observa-se entre os Mbyá a coexistência de duas modalidades pedagógicas distintas: uma primeira, fundamentada na documentação formal (pape), que se orienta pela formação reconhecida oficialmente pelas instâncias educacionais estaduais e municipais; e uma segunda modalidade, que articula elementos de materialidade corpórea e dimensões espirituais invisíveis, prescindindo da validação documental (pape) para legitimar o exercício da função educativa no interior de suas comunidades (Lopes, 2017).

A Opy é o espaço de cura, escuta e sabedoria e também de celebração. Nas cerimônias, fuma-se o cachimbo e se consagra a erva mate, e nestes momentos que são transmitidos os cânticos, neste espaço os pajés realizam os batismos (Nhemongaraí), com nomes que são sugeridos à eles pelo cosmos, estas cerimônias podem durar dias e contam com a participação de todos, não importa a idade, pois a Opy é também um espaço de aprendizagem, do conhecimento dos mais velhos, que pode ser sonhado, vivido e sentido

É na casa de reza que se cumprem todas as atividades religiosas, danças, cantos, relatos e comentários de tradições sagradas. É ali que o xamã vem fumar quando lhe pedem que descubra o nome de uma criança ou quando deve curar alguma pessoa em que se encarnou uma lama malvada. É também na Opy que ao alvorecer são proferidas as ñe'ë porã, as belas palavras diante do sol nascente. (Clastres, 1978, p. 86)

A vivência Guarani nos propõe uma reconexão com terra, com o fazer coletivo e os saberes ancestrais. Embora na atualidade haja leis que preveem a valorização do ensino intercultural, como a lei, 11.645/08 e os currículos atualizados representem marcos importantes, ainda há uma distância entre esses documentos e a prática escolar. A interculturalidade não pode restringir-se a datas comemorativas ou conteúdos pontuais. Precisa ser estruturante e viva, como nas experiências observadas no ensino nas aldeias, onde se articula o saber tradicional com o conhecimento acadêmico por meio de roças comunitárias, cerimônias religiosas, registros orais e uso da língua original.

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Estas práticas demonstram a possibilidade de uma escola que escute e valorize outros modos de existir e aprender, contribuindo para uma educação ao mesmo tempo inclusiva, ambientalmente comprometida e culturalmente diversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Valorizar e reconhecer a forma de educar Guarani é aceitar o desafio de aprender outras lógicas, outros tempos e outras linguagens. É reconhecer que o conhecimento pode ser transmitido por um cântico, por uma forma de semear a terra, é admitir que a escola precisa se reconectar com a vida e com a diversidade de mundos que existem no Brasil.

Para uma educação intercultural, que é o que sonha o povo Guarani, precisamos compreender esta proposta e prática-la em nossas escolas, o que pode ser uma oportunidade de refletir sobre nossos modos de ensinar e viver, e juntos buscarmos alternativas para problemas cruciais que afligem hoje a vida no planeta. Enfrentando com o conhecimento ancestral dos povos originários questões emergentes como a contenção da crise climática e a consequente preservação do território, o que em última instância garantirá a sobrevivência dos humanos no planeta

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2008. Acesso 3/06/2025

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. Acesso em: [03/06/2025].

BERGAMASCHI, M.A.; MEDEIROS, J.S. História, Memória e Tradição Escolar Indígena: o caso de uma escola kaingang. *Revista Brasileira de História*. 30 .2010

CAMPOS, A.L.A.; GODOY, M.G.G.; HORA J.F. Resistencia Cultural e Míticas: O Real e o Simbólico no Cotidiano dos Guarani Mbyá. *Novos Cadernos NAEVA* v 25 n.1, p 149-168. Jan-abr 2022.

CLASTRES, H. *Terra Sem Mal, o Profestimo Tupi Guarani*. ED. Brasiliense.1978. São Paulo

CUNHA, M. C. da (org.). *Enciclopédia dos povos indígenas no Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2022

GUARANI, J. *Ara Pyau*. Centro de Trabalho Indigenista.2ª ed. Brasília 2021.

LADEIRA, M. I. *O Caminhar sob a Luz: território Mbyá à beira do oceano*. São Paulo. Ed. UNESP/FAPESP. 2007.

LADEIRA, M.I.; AZANHA G. *Os índios da Serra do Mar- a Presença Mbyá Guarani em São Paulo*

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP 30 - ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

LOPES, D.B. A Presença do Invisível em Escolas Indígena: Escolarização, Diferença e Cosmologia Entre os Povos Mbyà (Guarani) do Rio de Janeiro. Cadernos CIMEAC – v. 7. n. 2, 2017. ISSN 2178-9770 UFTM 2017, Uberaba – MG, Brasil MARTINS, D.V; KNAPP, C. Proposta de uma metodologia intercultural na construção de artigos científicos por estudantes indígenas do PPGET UFG. Cadernos CERU, Série 2, Vol. 31, n. 2, dezembro 2020 São Paulo SP.

SOUZA LIMA, A. C. de. *A escola indígena e o pluralismo educacional no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, p. 399-418, 2006.

Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:

